

Poesia, canção e fotografia: uma elegia em três atos

Poetry, song and photography: an elegy in three acts

MONIQUE ALMEIDA SILVEIRA BARRETO

Graduanda em Letras-Português

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

E-mail: monique.barreto@edu.unirio.br

Resumo: A partir da apresentação de trechos da canção *Elegia*, de Caetano Veloso, do poema inglês “*Elegy XIX: To His Mistress Going to Bed*”, de John Donne, e de uma das imagens registradas por André Kertész, no livro “*On Reading*”, este ensaio propõe reflexões, ainda que superficiais, a respeito da representação feminina nestes três produtos artísticos. Para tal, apresenta o poema original e o confronta com sua tradução musicada. Corrobora a visão de Joshua Martin Price a respeito da tradução decolonial feita por Veloso da *Elegy*, no entanto, advoga que as observações, feitas pela doutora em Ciência Política Maria Abreu, em *Revisitando a dicotomia público versus privado (II): o corpo como território* a respeito da representação do feminino, podem se aplicar tanto ao poema original, objeto de estudo do referido artigo, quanto à tradução/canção brasileira. Ponto este, que diverge das interpretações de Price. Por fim, apresenta a fotografia de Kertész e propõe um jogo imaginativo, com o intuito de ilustrar e instigar outras reflexões a respeito da representação do corpo feminino como território.

Palavras-chave: elegia; poesia; territórios da escrita; corpo como território; representação do feminino; canção; fotografia.

Abstract: Based on excerpts from the song “Elegy” by Caetano Veloso, the English poem “Elegy XIX: To His Mistress Going to Bed” by John Donne, and one of the images captured by André Kertész in the book “On Reading,” this essay proposes reflections, albeit superficial, on the representation of women in these three artistic products. To this end, it presents the original poem and contrasts it with its musical translation. It supports Joshua Martin Price's view regarding Veloso's decolonial translation of the *Elegy*; however, it argues that the observations made by Dr. Maria Abreu in “Revisiting the Public vs. Private Dichotomy (II): The Body as Territory” concerning the representation of the feminine can be applied to both the original poem, which is the subject of this article, and the Brazilian translation/song. This point diverges from Price's interpretations. Finally, it presents Kertész's photograph and proposes an imaginative play to illustrate and provoke further reflections on the representation of the female body as territory.

Keywords: elegy; poetry; writing territories; body as territory; representation of the feminine; song; photography.



[...] Deixa que minha mão errante adentre / Atrás, na frente, em cima, embaixo, entre / Minha América, minha terra à vista / Reino de paz, se um homem só a conquista / Minha mina preciosa, meu império / Feliz de quem penetre o teu mistério / Liberto-me ficando teu escravo / Onde cai minha mão, meu selo gravado / Nudez total, todo prazer provém do corpo / (Como a alma sem corpo) sem vestes / Como encadernação vistosa / Feita para iletrados, a mulher se enfeita / Mas ela é um livro místico e somente / A alguns a que tal graça se consente / É dado lê-la / Eu sou um que sabe [...] (*Elegia: indo para o leito*, de John Donne. Tradução de Campos, 1986).

O fragmento escolhido para abrir as breves reflexões que serão aqui propostas é um trecho do poema “Elegia: indo para o leito”, uma tradução do poeta Augusto de Campos de “*Elegy XIX: To His Mistress Going to Bed*”, escrito por John Donne. A tradução de Campos foi posteriormente musicada por Péricles Cavalcanti e interpretada por Caetano Veloso, no álbum *Cinema Transcendental*, sob o título de “Elegia”. Junto a ele se encontra uma das fotografias de André Kertész, presente no livro “*On Reading*”, publicado pela primeira vez em 1971, a qual retrata pessoas em momentos públicos e/ou privados de leitura.

Retomaremos mais à frente a fotografia, mas para fins de organização, começemos esta conversa apresentando alguns pontos que nos parecem interessantes a respeito da “*Elegy XIX: To His Mistress Going to Bed*” e suas reapresentações brasileiras.

[...] Licence my roving hands, and let them go, / Before, behind, between, above, below. / O my America! my new-found-land, / My kingdom, safest when with one man mann'd, / My Mine of precious stones, My Empirie, / How blest am I in this discovering thee! / To enter in these bonds, is to be free; / Then where my hand is set, my seal shall be. / Full nakedness! All joys are due to thee, / As souls unbodied, bodies uncloth'd must be, / To taste whole joys. Gems which you women use / Are like Atlanta's balls, cast in men's views, / That when a fool's eye lighteth on a Gem, / His earthly soul may covet theirs, not them. / Like pictures, or like books' gay coverings made / For lay-men, are all women thus array'd; / Themselves are mystic books, which only we / (Whom their imputed grace will dignify) / Must see reveal'd. Then since that I may know [...] (Donne, 2020, p. 52)¹

¹ Em tradução livre: [...] Permita minhas mãos errantes, e deixe-as ir, / Pela frente, por trás, entre, em cima, em baixo. / Ó minha América! minha terra recém-descoberta, / Meu reino, mais seguro quando por um homem governado / Minha Mina de pedras preciosas, Meu Império, / Quão abençoado sou por te descobrir! / Prender-se a estas amarras, é ser livre; / Então, onde minha mão estiver colocada, meu selo estará. / Nudez completa! Todas as alegrias são devidas a ti, / Como almas sem corpo, os corpos devem ser despidos, / Para saborear alegrias completas. As pedras preciosas que vocês mulheres usam / São como o mito de Atlântida, conjuradas na visão dos homens, / De modo que quando o olho do tolo pousa numa joia / Sua alma terrena pode desejar a dela, e não a ela. / Como quadros, ou como capas alegres de livros / Para os leigos, todas as mulheres estão assim vestidas; / Mas elas são livros místicos, que somente nós / (A quem sua graça imputada dignificará) / Devemos ver revelados. [...]

O trecho acima se refere ao poema de Donne sobre o qual aqui trataremos brevemente.

Isto posto, podemos perceber que, ao nos debruçarmos tanto na *“Elegy XIX: To His Mistress Going to Bed”* quanto na releitura de Campos e Veloso, identificamos uma tentativa de apresentar uma relação amorosa a partir de sua esfera corpórea, carnal. Porém, guardadas as devidas semelhanças e correspondências, temos uma inversão fundamental de significado, dado, principalmente, aos contextos em que se encontram tanto a *“Elegy”*² quanto a Elegia. Esta virada de significado foi detalhadamente exposta por Joshua Martin Price – professor do departamento de Sociologia da *State University of New York at Binghamton* – no artigo *“Whose America? Decolonial Translation by Frederick Douglass and Caetano Veloso”*, publicado na revista *Traduction, terminologie, rédaction* no ano de 2015.

Em seu artigo, Price (2015) demonstra como, ao se apropriar de um poema publicado pela primeira vez em meados dos anos 1600, em uma Inglaterra altamente imperialista, a *“Elegia”* realiza uma tradução decolonial do sentido original do poema. Vejamos, abaixo, a leitura feita pelo sociólogo:

[...] Em seu poema divertidamente erótico, Donne acena para sua amante e a incita a se despir. Então, ao acolhê-la, compara o corpo de sua amante à América (*“Ó minha América!”*), que o poeta descobre e faz parte de seu reino ao desembarcar nela. *“Meu Império”*, ele exclama em êxtase, *“como sou abençoado por te descobrir.”* Augusto de Campos preserva essa relação sujeito/objeto em sua tradução [...] Veloso astuciosamente extraiu apenas uma pequena parte do poema e, assim, conseguiu inverter a metáfora: se Donne compara alegremente sua amante às terras recém-descobertas do novo mundo, na versão de Veloso o continente americano torna-se tão íntimo quanto um amante: a elegia de Veloso é uma canção de amor para um continente. [...]. (Price, 2015, p.80-81)³

Price ainda segue, afirmando:

[...] Veloso literalmente muda o sujeito e o objeto do poema: ele desloca subversivamente o dêitico *“eu”* e *“você”* para

² Para fins de simplificar a diferenciação da versão original do poema e da tradução, e música, em português, quando estivermos nos referindo a primeira será através do título simplificado em inglês, a saber, *“Elegy”*, e quando estivermos tratando da tradução/canção será adotado o título *“Elegia”*.

³ No original: [...] *In his playfully erotic poem, Donne beckons his lover and urges her to disrobe. Then, upon taking her in, he likens his lover’s body to America (“O my America!”), which the poet discovers and makes part of his kingdom when he lands upon it. “My Empirie,” he exclaims ecstatically, “How blest am I in this discovering thee.” Augusto de Campos preserves this subject/object relation in his translation [...] Veloso recorded a fragment of Augusto de Campos’ translation of the poem, put to music by Péricles Cavalcanti. Veloso cunningly excerpted only a small section of the poem, and thereby managed to reverse the metaphor: if Donne friskily likens his mistress to the newly discovered lands of the new world, in Veloso’s version the American continent becomes as intimate as a lover: Veloso’s elegy is a love song to a continent [...]*

transformar inteiramente o significado sexual e até racial. **A amante de Donne, aquele objeto de amor mudo e alienado, é traduzida em performance autorrealizada conforme o continente de Veloso se torna animado.** [...] A inversão é deliberada, autoconsciente e informada pela tradição canibalística (pós)modernista da Tropicália [...] **Veloso vai além de simplificar a reação contra a metáfora de Donne de uma América feminizada e sexualizada** ou mesmo desfazer essa metáfora por meio de uma reversão lúdica. Sua versão exhibe um amor duramente conquistado pelo imaginário de Donne como fonte de identidade afirmativa brasileira. [...] desarticular e deslocar Donne, recuperar o repelente tropo literário, **revalorizar e ressignificar as imagens da degradação sexual colonial e torná-las legais e autoafirmativas** nos leva além de uma estrutura tradicional de compreensão da atividade anticolonial dentro de um paradigma que é baseado em um binário; isto é, resistência nativa à dominação estrangeira. Colocar a tradução de Veloso em contraponto com a de Donne, para usar o termo de Edward Said, põe em relevo a poética do imperialismo em um e a resposta pós-colonial desconstrutiva do outro [...]. (Price, 2015, p. 82-84, grifo nosso)⁴

A análise de Price é profunda, e não seria neste ensaio mais bem realizada, nem nos propomos a contestá-la completamente. Porém, não nos seria possível deixar passar, sem nenhum comentário, alguns aspectos ligados à feminilidade que aparecem na “Elegy” e na Elegia de Campos e Veloso.

Parece, no mínimo, interessante que a metáfora territorial – escolhida por Donne e mantida por Campos e Veloso –, que passeia do prazer, à exploração⁵, da dominação à intimidade, seja usada para descrever a relação entre um homem – o dominador/possuidor da terra – e uma mulher – a América a ser conquistada.

Sobre isso escreveu Maria Abreu, doutora em Ciência Política, professora e pesquisadora do IPPUR-UFRJ, no artigo “Revisitando a dicotomia público versus privado (II): o corpo como território”, publicado na revista eletrônica *Escuta*, em 2016. Observemos o que nos traz Abreu a respeito da representação do corpo feminino como retratado na “Elegia”:

⁴No original: [...] *Veloso literally changes the subject and object of the poem: he subversively shifts the deictic “I” and “you” to transform the sexual and even racial meaning entirely. Donne’s mistress, that alienated and mute love-object, is translated into self-actualizing performance as Veloso’s continent becomes animate. [...] The inversion is deliberate, self-conscious and informed by the (post)modernist cannibalistic tradition of Tropicália [...] Veloso goes further than simplify reacting against Donne’s metaphor of a feminized and sexualized America or even defanging that metaphor through ludic reversal. His version exhibits a hardearned love for Donne’s imagery as a source of Brazilian affirmative identity. [...] dislocating and displacing Donne, recuperating the repellent literary trope, revalorizing and ressignifying images of colonial sexual debasement and making them cool and self-affirming, takes us beyond a traditional framework of understanding anti-colonial activity within a paradigm that is predicated on a binary; viz., native resistance to foreign domination [...].*

⁵ Usada aqui tanto para denotar a investigação, o percurso por um corpo/território, como no sentido de obter lucro de algo.

[...] O corpo feminino se torna um reino de paz, se apenas um homem a conquista. Quem conquista é o homem e sua paz está na sensação de que **aquele corpo é exclusivamente uma conquista sua. Para ter a certeza disso, onde cai sua mão, seu selo se grava.** O corpo é território do prazer idealizado, em que as almas sem vestes se revelam. O mistério do corpo a que Donne se refere poderia ser o de qualquer amante que é desvendado pelo outro, mas, mais uma vez, não é disso que se trata: a mulher se enfeita como um livro que possui uma encadernação vistosa para iletrados. A surpresa é que ela é um livro místico, que só alguns agraciados conseguem ler. A forma elegíaca adotada por Donne poderia ser interpretada imediatamente como um elogio amoroso à mulher: “liberto-me ficando teu escravo”. Mas escravidão que se reivindica, sabemos, não se trata de escravidão. A escravidão, aqui, é em relação ao próprio desejo, voltado para a mulher que é seu objeto. No entanto, as metáforas utilizadas por Donne são aquelas que mais tarde reforçaram, a ponto de naturalizar, uma certa interpretação sobre a mulher: **ela não é um mistério como qualquer ser humano o é, mas como toda mulher. Não é aquela mulher que ele deseja que se enfeita, mas “a mulher”. Cabe aos conquistadores desvendar o que está por trás do enfeite.** [...] Tudo aquilo que diz respeito ao corpo, desde que autorizado pelo seu titular, somente deveria dizer respeito a ele. Nenhuma intervenção, nenhum regramento deveriam incidir sobre ele, o corpo. Provavelmente, nenhum corpo é um reino de paz, como imaginava o conquistador do poema de John Donne, mas todo corpo deveria ser, sim, um território sagrado, não na medida em que deva ser cultuado, mas de que deva ser respeitado em qualquer de suas formas. (Abreu, 2016, *online*, grifo nosso).

Ainda que Abreu se refira nominalmente apenas a Donne, acreditamos que suas observações permaneçam válidas para a tradução/canção brasileira. Apesar da afirmação de Price de que na canção *Veloso* subverte a ideia de uma amante alienada por uma presença animada – e que podemos supor que consente e participa dos prazeres de forma conjunta ao eu lírico –, entendemos que essa subversão fica evidente mais pelo contexto em que se insere a canção do que em suas escolhas textuais. Dessa forma, podemos pressupor que existem margens para que os apontamentos de Abreu se encaixem na “Elegia” tanto quanto se encaixam na “Elegy” de Donne.

Por fim, mas não menos importante, cabem alguns comentários a respeito da fotografia que, juntamente com o trecho escolhido por Caetano para compor a sua “Elegia”, abrem este ensaio. Como já dito, a fotografia se encontra no livro “*On Reading*”, do fotógrafo húngaro André Kertész. Na apresentação da edição de 2008, temos:

[...] *On Reading*, uma série de fotografias feitas por Kertész na Hungria, França, Ásia e Estados Unidos durante um período de cinquenta anos, ilustra sua inclinação para a poesia e coreografia da vida em momentos públicos e privados em casa,

aproveitando o poder de absorção da leitura como um prazer [...] (The Museum of Contemporary Photography, 2008, p. 3)⁶

A fotografia, provavelmente tirada por volta dos anos 60/70, apresenta uma jovem mulher sentada em uma calçada, ao lado de uma mesa sobre a qual se pode ver um cristal e duas estátuas. Como já indica o título do livro a que pertence a imagem, a moça se encontra absorta em um momento de leitura enquanto pessoas e carros passam por ela sem serem notados. Aqui podemos imaginar que o fotógrafo também não foi notado pela jovem até o momento da captura da imagem.

A imagem não possui nenhum título ou informação que nos permita situá-la cronológica ou geograficamente com precisão, mas, para fins deste ensaio, que nos seja permitido imaginar ser esta uma jovem mulher americana, capturada em meio a um momento – para parafrasear a apresentação de “*On Reading*” – público e, ainda assim, privado e íntimo de prazer, por um homem (europeu), que com sua lente e sua mão errante, metaforicamente, a adentrou e tornou também seu aquele momento íntimo de prazer.

Em nossa digressão, podemos ainda entender que é através dos olhos do artista que este corpo/território pôde ser transformado em um reino de paz, conquistado por apenas um homem – o fotógrafo – que sobre ele gravou o seu selo.

Não sabemos quem é a moça retratada por Kertész, mas sabemos que é dele, e somente dele, o registro desse momento de prazer da jovem. E assim como na “*Elegy*” / “*Elegia*”, não podemos saber até que ponto este corpo/território é, ou não, um objeto de amor mudo ou um ser animado.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maria. Revisitando a dicotomia público versus privado (II): o corpo como território. **Escuta: Revista de Política e Cultura**, jun/2016. Disponível em: <https://revistaescuta.wordpress.com/2016/06/16/revisitando-a-dicotomia-publico-versus-privado-ii-o-corpo-como-territorio/#:~:text=O%20corpo%20%C3%A9%20territ%C3%B3rio%20do,uma%20encaderna%C3%A7%C3%A3o%20vistosa%20para%20iletrados.>

CAMPOS, Augusto de. “Elegia: indo para o leito.” **O anticristo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1986.

DONNE, John. Elegy XIX: To His Mistress Going to Bed. In: RUDRUM, Alan; BLACK, Joseph; NELSON, Holly Faith (Ed.). **The Broadview Anthology of Seventeenth Century Verse**. Broadview Press, 2020, p. 52.

⁶ No original: “[...] *On Reading*, a series of photographs made by Kertész in Hungary, France, Asia, and the United States over a fifty-year period, illustrates his penchant for the poetry and choreography of life in public and also private moments at home, tapping the absorptive power of reading as a universal pleasure.”

CAVALCANTI, Péricles; VELOSO, Caetano (1979). "Elegia." Cinema transcendental. [Audio CD]. Rio de Janeiro: Universal Music. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/09n1K5ppz5PRiCroYmMGv5?si=45bab9215ab24f72>.

KERTÉSZ, André. **On reading**. Nova York: W. W. Norton & Company, 2008.

PRICE, Joshua. Whose America? Decolonial Translation by Frederick Douglass and Caetano Veloso. **TTR: traduction, terminologie, rédaction**, v. 28, n. 1-2, p. 65-89, 2015. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/ttr/1900-v1-n1-ttr03236/1041650ar/abstract/>.

THE MUSEUM OF CONTEMPORARY PHOTOGRAPHY. André Kertész: on reading. *In*: KERTÉSZ, André. **On reading**. Nova York: W. W. Norton & Company, 2008, p. 3. Disponível em: <https://www.curatorial.org/s/Kertesz-Prospectus.pdf>.